

GAZETA LITERARIA.

Outubro de 1761.

ITALIA.

Antonii Francisci Gorii, Basilicæ baptisterii Florentini præpositi, thesaurus veterum dypticorum Consularium, & Ecclesiasticorum, tum ejusdem auctoris cum aliorum lucubrationibus illustratus, ac in tres tomos divisus; opus posthumum. Accessere Joann. Bapt. Passerii, Pisarenfis nobilis Eugabini in postremum additamenta, & in tomos singulos præfationes. Florentiæ, apud Caietanum Albizzinium.

Isto he

Thefouro dos dypticos Consulares, e Ecclesiasticos composto por Antonio Francisco Gori, e addicionado por Joao Baptista Passeri. Florença, na Officina de Albizzini. Tres vol. em fol.

NAM obstante todos os cuidados, e trabalhos, que tem tido muitos homens doutos para tirar das trevas do esquecimento os monumentos antigos, tem-se descuidado de hum dos principaes sobre os dypticos Consulares, e Ecclesiasticos: o que daria huma grande luz, e faria conhecer melhor a Historia Sagrada, e profana determinando, e fixando as datas de huma grande quantidade de successos.

Eraõ os dypticos consularès huma especie de tabella de marfim dobrado, ligada, e ajustada por cima, e por baixo, de modo que se podiaõ facilmente abrir, e fechar: eraõ estas tabellas ciseladas, e historiadas com varias figuras, e os Consules do Oriente, e do Occidente as costumavaõ mandar aos seus amigos, e aos Grandes das naçoens mais remotas. Vem a sua origem dos antigos Diplomas, que os Imperadores davaõ áquelles, que se distinguiãõ nos empregos publicos, e no serviço Militar. Acha-se a descripção dos principaes generos de

A

dypti-

dypticos em Jacob Sirmond, Alexandre Wilthem, Reinesio, le Page, Montfaucon, Hagenbuch, Ducange, Anicio, Fausto, Albino como tambem em Philippe Bonarota, e no tom. 28. das Ephemeridas Literarias da Italia, e no Museo Veronense de Maffei.

Para se ter alguma idéa destes dypticos basta mostrar por exemplo o que se acha no Gabinete de Waeffenaer, que se chega ao anno 513. da nossa era, em que Magno foi Consul, e nelle se lê perfeitamente o Epigrafe seguinte: *F. Anastasius Paul. Prob. Moschian. Prob. Magnus.* Representa-se o Consul assentado em huma especie de throno, tendo na mão direita hum mapa do Mundo, que elle comprime, e na esquerda hum sceptro com huma aguia. Da parte direita do Consul se acha huma mulher, que na mão direita tem hum globo, e na esquerda huma lança; e esta mulher representa Roma. Da parte esquerda do mesmo Consul se vê outra mulher, que representa a Cidade de Constantinopola, tendo a mão direita levantada, e a esquerda descansada sobre hum escudo. Descobrem-se em baixo dois escravos, que leuão o thesouro publico, e varios cestos de junco cheios de dinheiro, que espalhão pela terra.

Os dypticos Ecclesiasticos foraõ feitos para o uso das Igrejas á imitação dos dypticos Consulares. Saõ os primeiros os registros publicos, em que se punhaõ os nomes de todos aquelles, que morriaõ na communhaõ da Igreja, e tambem os nomes dos vivos: mas no quarto, e quinto Seculo já não faziaõ mençaõ, se não dos vivos, que faziaõ offerendas á Igreja. Fez Dodwel huma dissertação sobre os dypticos antigos, em que examina com grande cuidado a origem deste costume, fazendo ao mesmo tempo huma quantidade de doudas observaçoens; mas ninguem até agora tinha emprendido fazer huma collecçaõ dos dypticos, que já se tem publicado, nem desenterrar, os que estavaõ sepultados no pó dos Archivos, e das Bibliothecas.

Em fim o erudito Antonio Francisco Gori, que já se immortalizou pelas obras, e descobrimentos, que fez na antiguidade, tendo indagado com hum zelo infatigavel tudo o que pertencia aos dypticos, tanto por si, como por todos os seus amigos, teve a felicidade de descobrir quasi tudo, o que se acha neste genero, tanto nos Cabinets dos curiosos, como nos Mosteiros, e thesouros da Igreja, e os fez agora modernamente estampar

tampar pelos melhores artifices com todo o cuidado ; e exactidão possível.

A'lem disto uniu em hum corpo todas as diversas obras ; ou dissertações , que se tem publicado a este respeito , ajuntando as suas proprias observações sobre cada dyptico , de fórte que tudo quanto se tem dito até agora sobre estes monumentos , se acha nesta obra do modo , que póde ser util a todos os curiosos , e amantes da antiguidade.

Encontraõ-se primeiramente vinte dypticos consulares com os nomes dos Consules collocados confôrme a ordem Chronologica , seguem-se outros dez anepigraphos , ou anonymos , e estes trinta e hum dypticos formaõ juntos dois volumes de quasi trezentas paginas cada hum.

Consta o terceiro volume de cincoenta dypticos Sagrados , em marfim , em pau , em cobre , e em prata ; a maior parte dos quaes , eraõ até agora absolutamente ignorados ; e este foi o ultimo dos trabalhos do Autor , que morreu principiando o quarto volume.

Com tudo para que naõ se privasse o publico de semelhante thesouro , determinou-se Joaõ Baptista Passeri Pisano amigo intimo do Autor defunto a acrescentar por fórma de supplemento ao terceiro tomo trinta dypticos Sagrados , e outros monumentos Ecclesiasticos deste genero , q' Antonio Francisco Gori destinava para o quarto volume. Ajunta-lhe o novo Editor varias explicações , e notas , de fórte que fazem esta obra completa.

Il libro di Giobbe recato dal Testo Ebreo in Versi Italiani.
Dal Sacerdote Giacinto Cerutti, Dottore di Sacra Teologia.

Isto he

O livro de Job traduzido em versos Italianos confôrme o Texto Hebreu. Por Jacinto Cerutti Doutor em Theologia. Turin, na Officina Real. 1759.

HE o Autor deste Poema o primeiro , que traduziu em versos Italianos o livro de Job , que já se tinha traduzido em versos Gregos , Latinos , e Francezes. Para emprender,

e executar esta obra, que he ao mesmo tempo hum Poema, e hum Commentario foi necessario possuir naõ só todas as delicadezas da lingua Italiana, mas tambem ter hum grande uso, e conhecimento da lingua Santa, e familiarizar-se com as observaçoens dos melhores Interpretes, tanto Catholicos, como Protestantes. Desta fórte se mostra este Poeta Traductor, erudito, bom critico, Escriptor laborioso, e attento observador das diversas opinioens, que se tem publicado sobre o livro de Job, que está cheio de difficuldades. Foi-lhe preciso naõ só aplanar estas difficuldades, mas tambem desterrar até a sombra, e apparencia dellas em huma traducção em verso.

Principia o Autor a discorrer tanto sobre o estilo sublime da Poesia considerada em geral, como na parte, que ella teve antigamente nas ceremonias da Religiaõ, e juntamente falla do merecimento particular da Poesia dos Hebreus, e das bellezas incomparaveis, que nella se admirão, sobre tudo no Cantico dos Canticos, e no livro de Job.

Bem se sabe qual he a força, e elevação das expressoens de que usaõ os interlocutores, que apparecem neste Poema; e por isso julgou Cerutti appropriar-se a Magestade deste estilo, devendo tambem imitar os modos, e frases Orientaes, que reinaõ no livro de Job. Diz o Autor, que os que estão versados no conhecimento das linguas do Oriente, naõ se espantaõ das expressoens fortes, de que usa o Santo homem Job, e que estes modos de fallar simples, e naturaes dos Orientaes naõ se pôdem verter nas nossas linguas da Europa, se naõ recorrendo a figuras, e a metaphoras, de que se naõ pôde servir o nosso estilo ordinario.

Naõ se determina o Autor para o sentido dos seus versos, se naõ depois de combinar todas as differentes opinioens, que tem havido sobre alguns lugares do livro de Job, e disto podemos citar alguns exemplos. No terceiro capitulo principia Job a fazer imprecaçoens contra o dia, e noite, que conconêraõ para a sua existencia.

O' notte real! caligine profunda
 T' involva, il nome tuo fra le sue notti
 Niun mese, e fia' suoi di niun anno acolga.
 Ecco rimanti solitaria, e lieto
 Canto non s'oda in te, ti maledica
 Chi maledice igiorni infauti, e ognora
 A suscitar Léviathan è presto.

Este Léviathan he aqui conforme o Autor o Espirito mau, que preside ás trevas, a quem os Encantadores invocavaõ nas suas ceremonias Magicas; e he talvez, como diz Cerutti o *de-vovere diris* dos Gregos. Naõ obstante ser esta boa conjectura do P. Vavasseur, do P. Houbigant, dos Interpretes allegados na Synopse, e de outros Escriptores, diz o Autor que se naõ lembra havela lido em livro algum, e que por isso a sujeita ao juizo dos seus leitores.

Traduz o Autor o bello lugar sobre a Resurreiçaõ futura: *Scio quod Redemptor meus vivit* desta fórte.

Io so, che vive
 Il mio riparator e al giorno estremo
 Sorgeró dalla polve, e poi chè cinte
 Della mia pelle fian quest' ossa, allora
 Di nuovo in questa carne stesla, io stesso;
 Questi ochi miei vedranno il mio Signore,
 Io lo vedró, non altri; e questi voti
 Son nel mio cor compiuti.

A esta versãõ ajunta o Autor huma boa nota para advertir, que Grcio, e Mr. le Clerc se apartáraõ do verdadeiro caminho, quando disseraõ, que este lugar naõ mostrava a resurreiçaõ dos corpos, e sobre isto nota o Autor, que Grcio discorria com demaziada liberdade, quando fez os seus Commentarios sobre a Escripura, e que Mr. le Clerc tinha muito má opinaõ sobre a crença dos Hebreus. Escrevia, e discorria elle, que este pòvo antes do captiveiro de Babilonia naõ tinha icêa alguma da vida futura: opinaõ refutada por muitos bons Escriptores, a qual causa hum grande horror ao Autor, que aliãz adopta em outros muitos pontos as explicaçoens de Mr. le Clerc.

Disputa-se muito sobre o principio do Capitulo 38. do li-
 vro

vro de Job; pergunta se, se Deus falla com o mesmo Santo homem para o reprehender da imprudencia dos seus discursos. *Quem he* (diz o Texto,) *o que escurece os meus conselhos, com hum modo de fallar tao louco?*

Chi è coltui, che i miei configli oscura
Con si stolto parlar?

O Autor com outros Interpretes julga, que esta especie de invectiva se dirige a Job, mas outros seguraõ, que a Eliú; e o provaõ *primò*, por que o discurso mostra, que aqui há dois homens diferentes, hum de quem Deus falla na terceira pessoa, outro a quem falla na segunda: este he Job, aquelle Eliú. *Secundò*, por que Deus comparando Job com os seus amigos, diz que estes tiveraõ discursos imprudentes, e que não fizeraõ como Job, que sempre fallára bem: e de que serviria este elogio, que se acha repetido duas vezes, se Job fosse hum indiscreto, a quem Deus falla no Cap. 28.? Nesta controversia quem seguir o Hebreu, verá Job mais justificado do que na Vulgata, por que esta versãõ se serve dos termos de *penitencia*, de *palavras ligeiras*, e semelhantes, as quaes parecem accusar Job de alguma falta, que merece as reprehensõens de Deus.

S U E C I A.

Tratado sobre a decadencia das fabricas da Suecia. Por Erick Salander.

INtenta o Autor desta obra expor aos seus Compatriotas os meios, que julga mais convenientes para aperfeiçoar, e fazer florescer as manufacturas na sua patria, reprovando os meios, de que até ali se tinhaõ servido os Suecos para a execuçaõ deste util objecto, mostra-lhes o exemplo da Silesia, sobre que há tantas contendas entre as duas maiores Potencias de Alemanha, por ser huma Provincia, que conforme o seu computo contém 452. Cidades, e Villas grandes, e 41618 Lugares consideraveis, tudo procedido das suas fabricas, que occupaõ immenso pòvo.

Como

Como os privilegios concedidos aos que principiaſſem novas fabricas, e os cinco por cento ſobre as fazendas Eſtrangeiras impoſtos em 1729. pela Dieta para fazer hum capital a favor das novas fabricas, não baſtaſſem para as fazer florecer, entra Salander a examinar a cauſa diſto, e entre outras acha que a multiplicidade de Meſtres motiva o alto preço das fazendas; por que he mais facil ſuſtentar-se hum Meſtre com dez aprendizes, que conſtituem huma ló familia, do que dez Meſtres cada hum com ſua familia Niſto oppoem ſe o Autor á opiniaõ commua; e vem a ſer; que quanto mais ſaõ as familias do meſmo officio, tanto mais baratas ſaõ as fazendas, que fabricaõ pelo ſabido principio da concurrencia, ou rivalidade entre os Meſtres, que diminuem o preço, e aperfeiçoã as ſuas manufacturas para ſerem preferidas ás outras. Parece além diſto oppor-te á populaçaõ; por que hum dos fins das manufacturas, conforme os Politicos, que tem tratado do commercio, he multiplicar as familias, e por conſequecia o pôvo; mas diz Salander q̃ a ſuperioridade para a venda das mercadorias conſiſte na quantidade de officiaes ſujeitos a hum Meſtre, que faz as deſpezas, e para quem elles trabalhaõ, &c.

A epoca das fabricas, e do poder de Alemanha creſceu ao meſmo tempo no reinado de Henrique o Caçador; por que eſte Imperador em lugar de permittir os officios aos eſcravos dos nobres, os fez exercitar com toda a liberdade pelos habitantes das Cidades. Os Tribus, e outros uſos contrarios ao eſpirito do commercio, que eſtabeceu Carlos V. tem impedido o adiantamento das manufacturas na Alemanha, que por iſto não pôde muitas vezes dár tam boas, nem tam baratas as fazendas, como França, e Inglaterra.

Diz o Autor, que ſe deve attender muito para a povoaçã das Cidades, recebendo favoravelmente os Eſtrangeiros a fim de ſe eſtabelecerem nellas goſtoſamente; por que a força de hum Paiz conſiſte nas Cidades, e ſem ellas viriaõ a ſer barbaros os Estados.

Não ſe deve permittir conforme o Autor, aos lavradores, ſe não o trabalho de certas fazendas cruas, e ainda iſto com a condiçaõ de as transportar ás Cidades para deixar o proveito dellas aos mercadores. Julgamos que o ſentido do Autor he não diver-

divertir os homens do campo do trabalho da cultura das terras, que he a mais necessaria de todas as artes. Não he menos importante impedir aos aprendizes, e domesticos o trabalhar por sua conta, mas só por conta dos Mestres. Os Soldados do Rey de Prussia pôdem trabalhar nos seus officios diversos; mas com a obrigação de vender as suas mercadorias aos Mestres por hum preço fixo, e determinado por lei.

Insiſte o Autor com bastante razaõ sobre a necessidade de dár mais tempo ao ensino de certos officios; por que em Inglaterra, onde os aprendizes daõ ás vezes quatorze annos ao officio, não só não se diminuem os Mestres, mas tambem se aprendem os officios com toda a perfeiçãõ. Em Portugal vemos, que onde se aprendem mais tempo os officios, não só trabalhaõ melhor os artifices, mas com muito mais prontidaõ; pelo que pôdem vender as suas mercadorias por preço mais limitado do que os officiaes menos habis, que gastaõ tempo infinito para fabricar obras imperfeitas, e incapazes de se vender.

Diz o Autor muito mal do commercio da China, que hum anno por outro rouba á Suecia hum milhaõ, e seis centos mil florins: mas devia o Autor modificar a censura, que faz deste commercio se tivesse reflectido com mais attençãõ na proporçãõ de dinheiro, que se deve exportar para a Asia, e as fazendas, que de lá se devem trazer para a Europa a fim de aliviar o seu Paiz da quantidade de ouro, e prata, que por tempos entraria na Suecia, se esta quizesse só adquirir, e não despender, o que infallivelmente levantaria o preço das fazendas, quanto mais fosse a somma de dinheiro, que existisse no dito Reyno. A consequencia disto seria a decadencia da industria, e por fim a ruina do Estado. O fim do commercio não he só a aquisiçãõ do signal das riquezas, he a communicaçãõ dos póvos, he o transporte dos generos, que servem de vida, e regalo aos homens, he o gozar das couzas raras, que não há, nem pôde haver no nosso Paiz, he o conhecimento das differentes partes do globo, que habitamos; e não he o limitarmo nos só ao sordido interesse dos particulares; por que este só he hum dos meios, de que se servem os Legisladores, e Reformadores dos Estados para promoverem nelles o commercio, conhecendo que os homens se guiaõ quasi sempre pela ambiçãõ, e interesse.

Novi Commentarii Academiae Scientiarum Imperialis Petropolitanae, Tomus IV. Petropoli, Typis Academiae Scientiarum, 1758.

NO principio deste volume se dá huma satisfação aos leitores sobre o tempo, que a Academia tardou em publicar estas Memorias. Nella se diz que a Academia devendo occupar se em primeiro lugar na instrucção dos Russianos, empregou a sua Officina em publicar as ditas Memorias na sua propria lingua; mas que sendo agora esta Officina augmentada, e ampliada pela liberalidade da Imperatriz, pôde a Academia não só satisfazer o desejo, que tem de universalizar as Sciencias entre os Vassallos da sua Soberana, mas tambem de communicar aos Estrangeiros parte dos seus trabalhos, e fadigas literarias. Muller, que he hum dos Secretarios da Academia, fez logo no principio deste volume hum extracto das Memorias, que elle comprehende, no qual se achão bastantes notas curiosas do mesmo Secretario.

I. Memoria de Euler sobre os numeros, que são a sôma de dois quadrados. Nella demonstra Euler analyticamente as propriedades destes numeros; e com tudo confessa, que a respeito desta, *todo o numero primeiro exprimido por $4n+1$ he a sôma de dois quadrados*, que Fermat diz ter demonstrado; não pôde achar-se-lhe huma demonstração directa, e rigorosa. Faz Euler huma feliz applicação dos seus exames, e indagaçoens a hum caso muito extenso no Problema, em que se pergunta se o numero dado he, ou não he o numero primeiro.

II. Memoria do mesmo Euler sobre a melhor fabrica das azas, ou velas dos moinhos de vento. Nella se suppoem já a véla em movimento; e pelo calculo do effeito da impulsão do vento se conclue, qual deve ser a fórma, disposição, e velocidade das vélas a respeito das fricçoens, e da resistencia do ar. Daqui re-

sulta, que não he o angulo de 54. gráus, e tres quartos da direcção do vento com o plano das vélas, o que se deve ter por mais util para procurar ás velas maior velocidade; mas que sem o obstaculo das fricçoens seria hum angulo quasi de 90 gráus. O angulo de 54. gráus, e tres quartos não tinha sido achado, se não suppondo as vélas quietas, quando estas chegaõ a receber a impulção do vento.

III. e IV. Memorias de Euler sobre os Elementos da Sciencia dos Solidos, ou Polyhedros. Diz Euler, que a Geometria Elementar dos Solidos ainda he imperfeitissima, por que se não tem considerado estes como compostos de tres partes essenciaes; a saber, de angulos solidos, de faces, e de esquinas, mas somente de angulos solidos, e de faces. Demonstra pois o Autor muitas propriedades novas, e entre outras estas; que o numero das esquinas he ametade do numero dos angulos planos, que compoem os angulos solidos: e que consequentemente o numero dos angulos planos, e de faces, não pôde ser se não par. Que o numero dos angulos planos não pôde ter menor que o triplo do numero das faces, ou do numero dos angulos solidos. Que a somma do numero dos angulos solidos, e do numero das faces excede 2. o numero das esquinas. Não demonstra aqui esta proposição, se não por indução. Que não pôde haver solido composto de faces todas hexagonas, ou de polygonos do maior numero de lados, nem de angulos solidos compostos todos de seis, ou mais angulos planos. Que a somma de todos os angulos planos de hum solido he igual a quatro vezes tantos angulos direitos, quantos angulos solidos há, menos 720. gráus, &c. Propoem Euler estes theoremas já como ensaios de huma Geometria Elementar dos Solidos para excitar os Mathematicos a aperfeiçoar esta parte tão util, como curiosa. No fim desta Memoria se acha hum supplemento acrescentado por Euler para estender o numero das propriedades dos Solidos.

V. Memoria do mesmo Euler sobre os movimentos celestes perturbados por quaesquer forças; o que não he outra couza mais, que alguns principios, que Euler estendeu em outras obras, que compoz depois, e que são conhecidas dos Geometras.

VI Memoria de Wolfgang Krafft sobre a solução de alguns Proble;

Problemas da Architectura civil, os quaes são pela maior parte á cerca da figura das abobedas, e das forças destas. Mostra Krafft, que não há curva alguma, que se deva preferir a outra qualquer para fazer solida huma abobeda; por que esta solidez depende unicamente da igualdade dos esforços, que fazem as pedras dos arcos, para o mesmo ponto collocado no centro da abobeda, e que se chega a esta igualdade dando ás pedras dos arcos hum certo pezo absoluto conforme a natureza da curva, que se tiver escolhido. Donde se segue, que tudo, o que os Architectos tem dito sobre a escolha das curvas, não póde cahir se não sobre o agradável á vista, e não sobre a solidez, e que desta sorte a curva mais facil de descrever será a melhor, com tanto que não seja desagradavel á vista. Ora sendo o circulo sem contradicção a curva mais facil, a adopta Krafft excluindo as outras, e ensinando o modo de fabricar huma abobeda composta de arcos de circulo sem desigualdade. Conclue Krafft a sua Memoria com algumas reflexoens sobre a altura dos tectos, e sobre a fabrica daquelles tectos, que são quasi planos no cume, e quasi aprumo nos lados.

VII. e VIII. Memorias de Richmann; a primeira, que consta de algumas experiencias curiosas sobre os imans artificiaes, e a segunda, que contém varias experiencias sobre o augmento, e diminuição do calor nos metaes expostos ao ar. Della resulta, que dos metaes igualmente aquecidos na agua, que ferve, arrefece ao ar o chumbo mais do que o estanho, o estanho mais do que o ferro, e o ferro mais do que o cobre, e latam. Observou Richmann da mesma sorte o tempo, que os metaes expostos ao mesmo frio gastáráo logo a chegar ao mesmo gráu de queitura no mesmo temperamento de ar, e conclue que os augmentos, e diminuições de calor não são em razão inversa das densidades, nem das coherencias absolutas das suas particulas, nem das durezas, nem em razão composta de duas, ou destas tres razoens.

IX. e X. Memorias do mesmo. A primeira sobre as velocidades das dissoluções dos mesmos saes em diferentes temperamentos do ar, que tem achado precisamente nas mesmas proporções, que os gráus do Thermometro de Farenheit. A segunda, em que procura, e examina, se o augmento do volume do mercurio,

feito por certo gráu de calor, he á proporção do mesmo volume do mercurio.

XI. Memoria de Richmann, que he a ultima obra deste Academico, a qual elle determinava lêr em hum congresso publico. Contêm esta Memoria a descripção, e uso de hum electrometro, que he huma especie de pendulo formado de huma linha carregada com o pezo de hum meio grão, pendurado no centro de hum quarto de circulo de madeira. Achaõ-se aqui primeiramente varias reflexoens sobre diferentes Phenomenos conhecidos da electricidade, e logo as experiencias que Richmann fez com o seu electrometro para medir a força da electricidade tanto natural como artificial. Foi huma destas experiencias bem funesta para o Autor desta Memoria, que querendo com o seu electrometro medir a força da virtude electrica do ar no tempo de huma tempestade fez vir hum raio que o matou desgraçadamente.

XII. Memoria de Kaau Boerhave (a quem Muller faz aqui hum breve elogio historico,) que trata de algumas reflexoens sobre a cohesão das partes solidas no corpo animal, e principalmente sobre a transformaçõ das partes fluidas em partes solidas, sobre a formaçõ dos ossos, sobre a força, e acção dos musculos, e em fim sobre os primeiros elementos da composiçõ do corpo animal, dos fossis, e dos vegetaes.

XIII. Memoria de Gmelin, que contêm a descripção de hum rato de agua almiscarado, que se acha na Ruffia ao longo de alguns rios, e sobre tudo ao longo do Volga. A esta descripção accrescentou Muller no extracto das Memorias a historia desta rato, o modo com que se pesca, o uso que se faz da sua cauda, o preço da sua pelle, &c. Em alguns rios de Portugal se encontraõ estes ratos de cheiro, mas sobre tudo na foz do rio Ave junto a humas rochas abaixo de Villa do Conde, onde algumas vezes os pescaõ os habitantes daquelles contornos. Tem este pequeno animal a mesma grandeza de hum rato ordinario, só com a differença de ter o pelo quasi tam lizo, e o focinho quasi tam comprido como o da toupeira. Ao secar da pelle tem-se hum grande cuidado, para que não fique alguma porção de carne, que a corompa; mas sêca com a attençõ precisa, lança hum cheiro muito mais activo, que o do mais fino almiscar.

XIV.

XIV. e XV. Memorias do mesmo Gmelin. Na primeira se acha a descripção de hum animal, que habita nas montanhas da Siberia, a que chamaõ *Rupicapra cornibus arietinis*. Parece se este animal com o veado, e Muller nos seus extractos amplificou a historia delle não só conforme a noticia de Gmelin, mas segundo outras muitas memorias. Na segunda se encontra a descripção do almiscar; e nella se dá huma idéa exacta do animal, que o produz, e que não conhecemos bem, por não concordarem entre si as relações dos viajeros, que delle tem fallado. Accrescentou Muller a esta descripção mais alguns factos bastantemente curiosos.

XVI. Memoria de Steller sobre os ninhos, e óvos das aves. Nella se mostra, que a fabrica dos ninhos, e as côres dos óvos são signaes muito equivocados para a distribuição methodica dos passaros por classes, e generos. Nella se achão tambem as figuras de trinta óvos observados pelo Autor no paiz de Kamtschatka.

XVIII. Memoria de Braun, que contém algumas observaçoens Metheorologicas feitas por espaço de quatro annos no Observatorio Imperial de Petersburgo com as comparaçoens das resultas destas observaçoens.

XVIII. Memoria de Grischow, que contém hum methodo de observar a parallaxe da Lua por meio dos eclipses das Estrellas observados em dois lugares diferentes situados quasi no mesmo paralelo, mas o mais distante que for possivel, como v. gr. Petersburgo, e o Paiz de Kamschatka, cuja differença de longitudes consiste em 125. grãos.

XIX. Memoria do mesmo a respeito de huma luz Austral extraordinaria, que se observou em Petersburgo nos dias 17. e 18. de Novembro de 1751. n. st. Era esta no dia 17. huma massa de luz posta no Horizonte estendendo-se por quasi dois grãos, e ficando immovel até depois da noite: tornou a apparecer no dia seguinte, porém quasi dez grãos mais para a parte do Oriente, lançando de tempos em tempos alguns raios, ou resplendores luminosos, que corriaõ por todo o Ceo: sobreveio huma nuvem, que occultou este espectáculo, de sorte que não se tornou a vêr.

XX. Collecção de algumas observaçoens Astronomicas feitas

em

em Leipzig por Heinsio. São estas sobre os eclipses dos Satelites de Jupiter, hum da Lua em 23. de Dezembro de 1749. outro do Sol em 8. de Janeiro de 1750. e algumas observaçoens Metereologicas feitas em 1749. Nellas se acha logo a comparação das observaçoens do eclipse da Lua em 19. de Junho de 1750. feitas em Verona, em Leipzig, em Cassel, e em Gotingen, donde resulta que Leipzig he mais oriental, do que Verona 5. minutos, e 4. segundos de tempo, que Cassel 10. minutos, e 10. segundos, e que Gotingen 8. minutos, e 52. segundos. Refere Heinsio hum eclipse da Estrella do Serpentario pela Lua em 12. de Agosto de 1750. e algumas observaçoens Metereologicas feitas no mesmo anno.

A Academia de Petersburgo publicou além do quarto volume das suas Memorias algumas Dissertaçoens particulares lidas nos seus congressos publicos, ou coroadas pelos premios, que ella tinha promettido. Em hum congresso fez Grischow hum discurso sobre a parallaxe dos corpos celestes. Nelle se acha a historia dos esforços, que tem feito os Astronomos para chegar ao conhecimento da distancia da terra ao Sol, a Lua, e ás Estrellas. As melhores observaçoens do Seculo passado, e do principio deste, sendo reduzidas ao seu justo valor por huma judiciosa critica, conclue Grischow com ellas a parallaxe do Sol de 11. segundos, e serve-se dellas para calcular as verdadeiras dimensoens de todos os corpos celestes conhecidos no sistema solar. Refere logo a resulta de algumas observaçoens da Lua feitas em Petersburgo, e no Cabo da Boa esperança, as quaes lhe fizeraõ conhecer, que a parallaxe da Lua empregada pôr Halley he mais pequena quasi huma ducentessima parte de differença. Em fim refere Grischow as tentativas, que se tem feito para achar huma parallaxe do Obe annual a respeito das fixas, e a pouca felicidade destas tentativas, as quaes nos mostraõ, que a distancia da Terra ás Estrellas he immensa, e fóra das nossas medidas. Expoem elle tambem a theoria da aberração annual dos corpos celestes causada pelo movimento successivo da luz, que estas indagaçoens nos tem procurado accidentalmente. No fim deste discurso se acha huma resposta de Braunchia de bellas reflexoens sobre os trabalhos, que a curiosidade faz emprender aos homens.

Há outro discurso do mesmo Braun a respeito das mudanças mais notaveis, que tem succedido na terra que habitamos. Nelle refere o Autor com muita erudição os sistemas antigos, e modernos sobre a origem, e formação do Mundo, o que se tem dito da producção do Egipto pelas innundaçoens do Nilo, e da producção da terça parte da China pelas enchentes do rio Jaune, &c. A conformidade da Geografia antiga com a moderna faz julgar a Braun, que a relação destes factos he demaziadamente exaggerativa, mas ao mesmo tempo confessa, que á vista dos differentes leitos, que descobrimos, cavando a terra profundamente, somos obrigados a inferir, que esta tem experimentado grandes mudanças, pois não podemos deixar de conhecer certas producçoens naturaes, e artificiaes enterradas desde tempos immemoriaes. Muitos Filósofos modernos tem procurado explicar estes factos singulares, mas a maior parte dos seus sistemas são mais mais engenhosamente imaginados do que solidamente estabelecidos. Acha o Autor mais verosímil o sistema, que attribue a maior parte destes Fenomenos a hum fogo interior, que se exhala de tempos em tempos em volcaõs, e por tremores de terra; o que revolve a superficie da terra, confundindo tudo o que se acha no lugar, por onde sahio o fogo. Acha-se aqui tambem o seguinte discurso.

Oratio de origine lucis sistens novam theoriam colorum, in publico Conventu Academiae Scientiarum Imperialis Petropolitanae propter nomini festivitatem Serenissimi Principis Magni Ducis Pauli Petridae habita.

Faz o Autor consistir a luz em huma materia subtil agitada (como o ar que produz os sons) de hum movimento de tremor continuo, e giratorio, só quando algum obstaculo se oppoem a este ultimo movimento, em que consistem as sensaçoens, a que chama nos côres. Suppoem elle, que as particulas de luz são esfericas divididas em tres ordens de grandeza contiguas, desórte, que estejaõ as mais pequenas encerradas nos intersticios das maiores. O movimento giratorio das esferas da primeira ordem produz a sensação do vermelho; o das esferas da ordem media produz o amarello, e o das mais pequenas produz o azul. Suppoem tambem o Autor, que os tres principios quimicos, que compoem os corpos tem huma certa afinidade com as tres ordens dos raios luminosos;

nosos; a saber o sal com os da primeira ordem, o mercu io com os da segunda, e o enxofre com os da terceira. Suppoem em fim, que o effeito desta affinidade he fazer perder o movimento giratorio aos raios, que chegaõ a tocar as particulas, que abundaõ de principios analogos a estes raios. Estes raios pois já naõ formaõ huma sensaçã de cõr; te a luz v. gr. succede cahir sobre hum corpo, cuja superficie abunda de particulas acidas, entaõ os raios vermelhos perdem o seu movimento giratorio, e naõ fazem sensaçã de ar; as outras duas especies de raios naõ tendo affinidade com os acidos, formarãõ huma sensaçã de cõr composta de amarello, e azul, a qual serã por consequencia vêrde, &c.

Em fim publicou a Academia duas obras sobre o premio, que ella tinha proposto para a indagaçã da causa dos signaes, que os meninos trazem ao Mundo. Na primeira defende Krause, que estes signaes saõ pela maior parte effeito da imaginaçã das mais; e na segunda defende Roederer a negativa do discurso de Krause.

F I M.